

Pluriétnias: situações enunciativas sócio-culturais e pragmáticas

Clarice Nadir von BORSTEL
Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Resumo: Este estudo trata da noção de enunciação e hibridismo cultural em pesquisas voltadas para as complexas relações da comunicação verbal (oral e escrita) quando da transferência lingüística psico-sócio-cultural do usuário em interações comunicativas em comunidades pluriétnicas. Os discursos multilíngües, enquanto enunciações orais, não surgem in vácuo, mas são produzidos e partilhados pelos usuários em situações específicas de interação comunicativa de um ou mais códigos lingüísticos em um contexto social de comunidades de línguas em contato. Ao interagir com outrem, o falante se empenha em usar enunciação sócio-cultural e pragmático em um ato de narrar, de afirmar ou prevenir o interlocutor sobre um determinado fato ou coisa. Com base nestas colocações, mostrar-se-á as alternâncias de código e os traços dialetais orais, transferidos para as produções escritas institucionalizadas em usuários de comunidades de imigrantes e seus descendentes do extremo oeste do Paraná.

Palavras-chave: línguas em contato; gêneros do discurso; transferências lingüísticas.

Abstract: This study brings the notion of the enunciation and cross-cultural in searches related to complex relations of verbal communication (speaking and writing) when the linguistic psychosocio-cultural transference by the user in communicative interactions of plural-ethnics communities happens. The multilingual discourses as speaking enunciations don't appear in vacuum, but they are produced and used by the users in specific situations of

communicative interaction of one or more linguistic codes in a social context of communities of languages that are in touch. Interacting with someone, the speaker applies himself in using socio-cultural and pragmatic enunciation in an act of narrating, affirming or warning the inner announcer about a determined act or thing. Knowing these, the code switching and the speaking dialectical features will be shown, transferred to the writing productions institutionalized in users of immigrant communities and their descendants in the extreme east of the state of Paraná.

Key words: languages in contact; discourse genders; linguistic transferences.

Resumen: Este estudio plantea la noción de enunciación e hibridismo cultural en investigaciones volcadas a las complejas relaciones de la comunicación verbal (oral y escrita) en cuanto a la transferencia lingüística psico-socio-cultural del usuario en interacciones comunicativas en comunidades pluriétnicas. Los discursos multilíngües, mientras enunciaciones orales, no surgen *in vacuo*, pero son producidos y compartidos por los usuarios en situaciones específicas de interacción comunicativa de uno o más códigos lingüísticos dentro de un contexto social de comunidades de lenguas en contacto. Al interactuar con el otro, el hablante se empeña con usar enunciación socio-cultural y pragmática en el acto de narrar, de asegurar o prevenir al interlocutor acerca de un determinado hecho o cosa. Basado en estas colaciones, se mostrará los cambios lingüísticos y los rasgos dialetales orales, transferidos e las producciones escritas institucionalizadas en usuarios de comunidades de inmigrantes y sus descendientes de extremo oeste de Paraná.

Palabras-clave: lenguas en contactos; géneros del discurso; transferencias lingüísticas.

1. As posições enunciativas da heterogeneidade interlingüística

Bakhtin já dizia que as diferentes concepções filosóficas da linguagem, das teorias lingüísticas e da metalingüística nas mais diversas épocas e períodos da história introduziram diversos conceitos e concepções sobre “sistema de língua”, “enunciação monológica”, “fala do indivíduo”, assim como, o uso situacional de mais de uma língua em uma mesma situação de interação comunicativa. Em que as variações e as heterogeneidades lingüísticas em comunidades multilíngües, as interações verbais vão, sempre, muito além dos condicionamentos gramaticais e, essas, ainda, muitas vezes, são marginalizadas e, ou estigmatizadas quando se confrontam com o sistema de língua comum de uma sociedade.

Na colocação de Bakhtin (1998), a enunciação monológica é situada, do ponto de vista da pessoa que fala para um determinado interlocutor, ou seja, a expressão do seu ato de fala na interação comunicativa com outrem.

As heterogeneidades lingüísticas com relação ao discurso de outrem, essas muitas vezes se cristalizam no uso de línguas. Para Bakhtin (1988, p.155), “as variantes se encontram na fronteira da gramática e da estilística”. Para muitos as variantes são reconhecidas como uma simples variante estilística. Do ponto de vista do autor,

... é impossível estabelecer uma fronteira estrita entre a gramática e a estilística, entre os esquemas gramaticais e sua variante estilística. Essa fronteira é instável na própria vida da língua, onde algumas formas se encontram num processo de gramaticalização, enquanto outras estão em vias de desgramaticalização, e essas formas ambíguas, esses casos limítrofes, é que apresentam maior interesse para o lingüista, é justamente neles que se podem captar as tendências da evolução da língua (op. cit., p.155-156).

A diversidade lingüística de uma determinada língua ou em comunidades que fazem uso situacional de dois códigos lingüísticos as inter-relações entre língua, cultura, história e sociedade são muito complexas e, na maioria das vezes, estar frente a frente com uma co-variação de fenômenos lingüísticos sociais e/ou multiculturais, faz com que tais fenômenos lingüísticos de desgramaticalização não sejam aceitos tão facilmente pela sociedade como um todo. Estes fenômenos, somente tiveram uma maior aceitação pelos estudiosos, a partir dos estudos que se preocupam com a língua como fenômeno social, cultural e histórico.

A enunciação é o produto da interação de dois ou mais sujeitos socialmente organizados. Segundo Bakhtin (1988), “a situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e os estilos ocasionais da enunciação. Os estratos mais profundos da sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor” (p.114).

Com relação às situações de línguas em contato em comunidades sócio-culturalmente organizadas, Weinreich (1953) e Mackey (1968) direcionam seus estudos mais ao nível de fenômenos de transferências lingüísticas e definem o bilingüismo como uma “prática de empregar duas línguas alternadamente”, caracterizando todas as formas de influências de transferências lingüísticas na fala dos falantes bilíngües e, ou multilíngües como conseqüências de contatos lingüísticos.

Isto pode ser observado em pessoas socialmente organizadas, em que a situação e os participantes da interação comunicativa determinam a forma e os estilos situacionais da enunciação, como nas comunidades de Marechal Cândido Rondon com línguas português/alemã e na de Palotina com falantes de português/italiano, conforme os estudos de Borstel (1992, 1999) e Borstel e Dotto (2002), caracterizando

todas as formas de influências interlingüísticas: interferências, alternância lingüística e mistura de línguas, nas interlocuções dos usuários, como consequência de contatos lingüísticos com mais de uma língua.

Se pode, no entanto, dizer que nas duas comunidades multilíngües estudadas, sobre o falar alemão e o italiano, observou-se o uso regular de uma variante para finalidades mais públicas ou formais (igreja, escola) e, outra, para situações mais informais (familiar e grupo de amigos). A comunidade de Marechal Cândido Rondon é mais conservadora com relação à língua e a cultura alemã, pois o poder público incentivou a reconstruir o imaginário da germanidade, através de estratégias de legitimação simbólica e política, retificando a identidade teuto-rondonense, projetando-a no contexto social da comunidade, criando uma imagem identitária para este município no âmbito regional, estadual e nacional (QUEIRÓS, 1999, p. 168). Porém, é preciso frisar que a política educacional não levou em conta à pluralidade lingüística das comunidades de imigrantes e seus descendentes, contribuindo, dessa forma, para a descaracterização progressiva da língua materna. Na comunidade de Palotina, as iniciativas surgiram espontaneamente através de grupos organizados, no intuito de resgatar as tradições culturais. Os sentimentos de etnicidade e a tradição cultural são elementos ainda presentes, em pequenos grupos, nesta comunidade de imigrantes e descendentes de italianos. Esse sentimento foi reforçado, recentemente, por intermédio do surgimento da multimídia, como a linguagem verbal oral (emissoras de rádio locais) e as formas de linguagem visual (televisão e cinema), valorizando a cultura e a sua língua. A heteroglossia pode ou não ocorrer nas duas comunidades de imigrantes e seus descendentes.

Bhabha (2001), trata sobre as conseqüências culturais do colonialismo e dos fenômenos migratórios. O autor cita Bakhtin (1986), que diz que este “designa o sujeito enunciativo da heteroglossia e do dialogismo nos gêneros da fala”. Segundo o autor, embora Bakhtin tenha feito essas colocações quando trata da ideologia do cotidiano, ele desloca o problema conceitual quando diz respeito ao ato de fala, suas modalidades enunciativas de tempo e espaço, para um reconhecimento empírico da “área da atividade humana e da vida cotidiana às quais se relaciona a elocução” (BAKHTIN, 1986, *apud* BHABHA, 2001, p. 262).

A ideologia do cotidiano para Bahktin (1988),

... constitui o domínio da palavra interior e exterior desordenada e não fixada num sistema, que acompanha cada um dos nossos atos ou gestos e cada um dos nossos estados de consciência considerando a natureza sociológica da estrutura da expressão e da atividade mental, ou seja, corresponde, no essencial, designado por Marx de ‘psicologia social’ (p. 118-119).

A língua, no seu aspecto societal e, ou multicultural, é o elemento indispensável para a comunicação em sua vida cotidiana, isto é, nas interlocuções e na interação lingüística sócio-pragmática da pessoa dentro de seu grupo. Enfatizando esta visão social, Bakhtin (1988) considera que a linguagem nasce da necessidade de interação entre os homens, pois onde há relação, há a linguagem. No campo das relações sociais, as pessoas usam os signos, a partir dos quais, a consciência adquire forma e existência. A palavra é um signo verbal oral, escrito e semiótico, e, é através dela que serão traduzidas todas as transformações sociais. Para Bakhtin,

... a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político,... As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios (1988, p .41).

O que significa dizer, que a língua de um determinado grupo bilíngüe, e, ou multilíngüe é concebida como um conjunto heterogêneo que está sempre se transformando, até porque, pelas variedades lingüísticas passam impressões culturais, sociais, econômicas, étnicas que, numa concepção sócio-interacionista de linguagem, interferem na constituição ideológica e lingüística do sujeito. Características estas, aliás, que marcarão e acentuarão sociolingüística e pragmaticamente, o falar dos membros de um grupo de formação bilíngüe de uso de línguas situacionais com suas próprias idiosincrasias.

Segundo colocações de Bakhtin (1988),

... a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (p.123).

Portanto, o que se constata é que a verdadeira e real substância concreta da linguagem se dá nos domínios de uma dada sociedade multicultural, como é a nossa no Brasil, com várias culturas (índigenas, africanas, ocidentais, orientais, asiáticas), religiões (católica, protestante, evangélica, budista, entre outros credos) e etnias (alemães, italianas, japonesas, árabes, eslavas, polonesas, entre outras).

Na concepção de Bahktin (1998), o diálogo com os outros é essencial na construção do processo cognitivo de cada indivíduo que se produz na interação comunicativa com o seu grupo. Em seus estudos, por um lado, apresenta conceitos que tratam das forças centrípetas (necessidade de se ligar ao outro) da vida lingüística, encarnadas numa língua ‘comum’, que atuam no meio do plurilingüismo real. E, em cada momento da sua formação, a linguagem diferencia-se não apenas em dialetos (com transferências de traços fonológicos, interferências gramaticais/lexicais e alternância de código) e, ou variante normativa (com indícios de alternâncias fonológicas), mas, o que é essencial, em línguas sócio-ideológicas: sócio-grupais, profissionais, de gêneros, de etnias entre outras. É esse plurilingüismo real que se dá na interação lingüística entre um falante e outro, entre um contexto e outro, entre uma geração e outra, entre uma etnia e outra, ou seja, em contextos concretos multiculturais e multilíngües em que esta linguagem está inserida. Por outro lado, o autor trata também das forças centrífugas (necessidade de diferenciação do outro), ou seja, na forma de enunciação e interação comunicativa/cultural destes imigrantes e seus descendentes, de serem diferentes das outras pessoas da sociedade brasileira, utilizando os seus traços dialetais étnicos e regionais, mesmo que estes sejam estigmatizados em outras regiões do país.

2. Os fatores sócio-pragmáticos, culturais e históricos

Os traços dialetais sócio-pragmáticos, em comunidades de línguas em contato, e, ou étnicas, normalmente, estão condicionadas aos fatores sócio-históricos das línguas, pelos destinos do discurso ideológico e por problemas históricos

particulares dos quais o discurso ideológico trata em certas esferas sociais e em etapas definidas de sua evolução histórica e nas práticas sociais e culturais. Esses fatores e problemas determinam não só algumas variedades de gênero do discurso ideológico, como caracterizam também a heterogeneidade lingüística em certas situações enunciativas e ideológicas de determinados grupos sociais.

Grupos pluriétnicos, no sul do país, colonizado por imigrantes e seus descendentes europeus, refere-se às comunidades estudadas, colonizadas por alemães e italianos que ainda conservam, através das redes familiares, a sua língua, costumes e suas práticas culturais de uma utopia de memória mítica e simbólica (da ilusão, do fetiche, da legitimidade de que se revestem de suas origens étnicas de um passado distante, e, ao mesmo tempo presente em seu cotidiano) cultuada de geração a geração.

Nas pesquisas etnográficas em Marechal Cândido Rondon e Palotina observaram-se, nestas duas comunidades de fala, uma forte diferença e diversidade lingüística e cultural latente e conflitante. Bhabha (2001, p. 63), nos dá uma noção de diferença cultural e diversidade cultural. “A diversidade cultural é um objeto epistemológico, a cultura como objeto do conhecimento empírico, enquanto a diferença cultural é o processo da enunciação da cultural como ‘conhecível’, legítimo, adequado à construção de sistema de identificação cultural”. Para o autor, é na diversidade cultural que se reconhecem os costumes culturais em um determinado tempo que dá origem ao multiculturalismo, de interação comunicativa e cultural. E também é “a representação de uma retórica radical da separação que existe intocada pela intertextualidade de seus locais históricos, protegidos na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única” (p. 65). Para Bhabha (2001), “nenhuma cultura é

unitária em si mesma, nem simplesmente dualista na relação eu com o outro. [...]” (p. 65), ou seja, todos pertencem à cultura da humanidade; tampouco é devido a um relativismo ético que sugere que, na capacidade cultural de falar sobre os outros e de julgar, é necessário ‘se colocar na posição deles’, sem nenhum tipo de relativismo à distância.

É crucial lembrar como tudo começou com a vinda destes imigrantes para o Brasil. A partir do início do século dezenove, o país recebeu um vasto contingente de imigrantes da Europa e do Oriente. Este movimento populacional teve uma dupla motivação. De um lado, as crises políticas, sociais e econômicas dos países de origem, da fome, da pobreza, da falta de possibilidades econômicas, a busca de novas terras impulsionou a emigração à procura de melhoria econômica. De outro lado, havia os governantes latino-americanos (não apenas brasileiros) interessados em receber mão-de-obra relativamente barata, capaz, portanto, de substituir os escravos, e capaz também de “branquear” países onde indígenas e negros tinham forte presença.

No Rio Grande do Sul e em algumas regiões de Santa Catarina e Paraná, os imigrantes foram elementos decisivos para o desenvolvimento econômico, principalmente na agricultura minifundiária.

Conforme foi citado por Manfroi (1979, p. 190-192), as colônias européias (alemã e italiana) do Rio Grande do Sul viveram durante muito tempo, isoladas dos gaúchos. Este isolamento foi imposto pelo próprio sistema de colonização, o que favoreceu a homogeneidade étnica/cultural e o uso dos vários dialetos das regiões de origem desses imigrantes alemães e italianos. Porém, há grandes diferenças com relação à preservação e conservação das línguas. A língua alemã foi preservada através da igreja, escola, imprensa e pela comunidade étnica organizada em realizar o culto (igreja

protestante), onde se ensinava a ler, escrever e a calcular na língua alemã letrada. Já, a preservação da língua e cultura italiana foi, simplesmente, espontânea através da oralidade familiar, pois os colonos italianos mostravam pouco interesse pela instrução escolar de seus filhos. Segundo Manfroi (1979, p. 192-193), o ambiente cultural e lingüístico que identificava a etnia italiana, no Brasil, eram os pequenos vilarejos natais da Itália. Os colonos italianos eram regionalistas e provincianos. O essencial de sua cultura estava contido numa certa prática da religião católica, dos cantos e dos hábitos e costumes, e, em torno desta prática social, eles foram, através da memória coletiva, reconstituindo e resgatando os traços dialetais, todos aqueles elementos e momentos dos quais se recordavam das regiões da terra natal. Foi mais tarde, que surgiu a literatura impressa do italiano, no Brasil.

Costa (1979, p. 200), cita que os primeiros imigrantes italianos eram letrados, mas a primeira geração desses descendentes, nascidos no Brasil e os imigrantes menores vindos da Itália eram analfabetos. Neste sentido, constituíram comunidades semiletradas, porque possuíam pouco ou insuficiente letramento. Havia, porém, um maior cuidado com os filhos homens para que estes aprendessem a ler e a escrever, pois estariam mais propensos a negociar e a administrar os bens. Já, as filhas mulheres não necessitavam desses conhecimentos, pois elas eram responsáveis pela lida do lar. Esta realidade pôde ser observada na pesquisa de Borstel e Dotto (2002), desenvolvida em Palotina, onde os homens têm uma fluência e um melhor domínio da língua materna (o *talian*) do que as mulheres.

Quando começaram a escassear os recursos e as áreas produtivas no Rio Grande do Sul, os imigrantes e seus descendentes foram para Santa Catarina e Paraná, a fim de adquirirem novas áreas cultiváveis com melhor produtividade

e uma boa topografia geográfica. A esperança de um futuro próspero para os imigrantes e seus filhos, através de incentivo dado pelo governo federal para a ocupação de terras no oeste paranaense, que até então tinha se prestado unicamente ao extrativismo descontrolado de erva-mate e madeira por parte de argentinos e paraguaios. Fez com que eles se aventurassem dando então, início à colonização dos migrantes do Rio Grande do Sul e Santa Catarina para esta região do Paraná, por volta de 1950.

Na pesquisa de Borstel (1992, p. 97), em Marechal Cândido Rondon, na área urbana sobre os imigrantes e seus descendentes alemães, 67% dos participantes da interação comunicativa eram trabalhadores rurais não classificados profissionalmente, ou seja, com menos de quatro anos de escolaridade. Em Borstel e Dotto (2002), na comunidade de Palotina, sobre os imigrantes e descendentes italianos, 64% dos participantes eram agricultores e não tinham completado o Ensino Fundamental.

Nesta região, de comunidades pluriétnicas, há uma tradição cultural agrícola, e, ou rural com a qual estes imigrantes e seus descendentes se acham fortemente identificados, o que significa, em primeiro lugar, o sentimento de ser da área rural, ou como se diz nesta região “da colônia”. O imigrante foi, freqüentemente, uma figura menosprezada. A palavra “colono” teve, e ainda tem, um sentido pejorativo, isto é, alguém que é ingênuo que acredita no trabalho braçal, e, em suas interações comunicativas há um forte hibridismo cultural e lingüístico. Ser da área rural, por conseguinte, não é tanto estar sujeito a uma tarefa específica e sim participar, e isto é o fundamental, de uma cultura popular, rural, na qual predominam valores de identificação, essenciais, que girem, principalmente, em torno de “práticas sociais e, ou de solidariedade” (CERTEAU, 2000, p. 81). A cultura rural tem

por fundamento uma prática de relações familiares, de vizinhanças e de amizades muito fortes, principalmente nesta região, o que significa dizer, também, que os participantes destas pesquisas têm um baixo índice de escolaridade. O que acontece é uma mescla lingüística e multicultural (ru)urbana, migração da área rural para urbana, ocorrendo variações lingüísticas no interior de um enunciado, isto é, o reencontro, na arena deste enunciado, de duas consciências lingüística e cultural, uma, a nacional e a outra, de minorias étnicas de base rural.

Observaram-se, nestas comunidades pluriétnicas, uma transformação de variantes dialetais rurais e regionais em variantes urbanas, com base nos estudos, há migração da área rural para urbana, ocorrendo uma hibridização da variante rural étnica regional para a urbana. Como consequência ocorre uma mescla lingüística da variante rural étnica e, esta, se sobressai quando os falantes desta área vão morar na área urbana. Esta forma de falar, destes imigrantes e seus descendentes, marca a identidade local (étnica e cultural) do usuário com fortes marcas idiossincráticas de sua etnia, nas interações comunicativas, nesta região do extremo oeste do Paraná.

Para Bakhtin (1998, p. 156), “uma hibridização involuntária, inconsciente, é uma das modalidades mais importante da existência histórica e das transformações das linguagens”. Sabe-se que as línguas se transformam historicamente por meio da hibridização, da mistura, transferência e/ou interferência e alternância lingüística de diversas línguas e estas coexistem no seio de uma mesma variação lingüística, de uma mesma língua nacional ou com outras línguas.

3. O uso do falar diferente em comunidades pluriétnicas

No Brasil, há, recentemente, um grande número de trabalhos escritos: dissertações, teses e obras literárias; assim como filmes, novelas e programas jornalísticos na televisão sobre os imigrantes: suas culturas e suas línguas. Resgatar a figura do imigrante faz parte do mergulho na história que caracteriza o cenário cultural do país e uma abertura democrática para dar voz a grupos até então discriminados e, ou estigmatizados.

Este sentimento de pertencer a um grupo étnico, vem a ser a identificação étnica, repassada de geração a geração, cimentada por uma língua comum entre os membros de um mesmo grupo cultural, mas diferente do nacional. Isso quer dizer, que os traços dialetais regionais ou a pronúncia de línguas estrangeiras sempre serão marcadas, notadas e comentadas, principalmente em ocasiões especiais e formais. É neste momento de interação comunicativa que o falar diferente será usado contra o falante, a variante (ru)urbana mesclada com o *Brasildeutsch*, isto é, o falar alemão e o português padrão, mais os vários dialetos alemães e o *Plattdeutsch* trazidos para o Brasil, misturados com os traços dialetais do português (HEYE, 1979). Este fenômeno de uso do *Brasildeutsch* ocorre na região. Assim como o *talian*, ou seja, o falar italiano semiletrado, mais os vários dialetos italianos trazidos para o Brasil, mesclados com os vários traços dialetais do português padrão e suas variações do sul do país. Estas situações de usos situacionais de bilingüismo ocorrem nas interações comunicativas nestas duas comunidades multilíngües desta região.

As línguas, cujos povos têm sistemas políticos, culturais e econômicos mais fechados, sofrem transferências lingüísticas e empréstimos bem menos acentuados, como a

França, que tem uma concepção mais conservadora de sua língua (MARTINET, 1995, p. 141-142). Porém países que receberam uma variedade muito grande de imigrantes de várias etnias, assim como o Brasil, apresentam situações lingüísticas das mais variadas quanto ao multilingüismo, quer dizer, com relação aos fenômenos de interferências, empréstimos, misturas de línguas e alternâncias de códigos, tanto a nível gramatical como sócio-pragmático.

Hoffmann (1991, p. 95), em seus estudos, trata distintamente os traços de fala bilíngüe, no que diz respeito às interferências, empréstimos, misturas de língua e alternância de códigos. Mas no campo da lingüística, não há cortes claros de distinção ou abordagens de comum acordo para analisar ou descrever as definições, pois alguns podem se cruzar em tempos, ou parecer contraditórios. Separar termos de mistura, como por exemplo, a forma plural do alemão: *die Obrens* (*die Ohren* ‘as orelhas’), dos termos de alternância de código (*Die Obrens do papai sind grob* ‘As orelhas de papai são grandes’) não é tão fácil quanto parece ser. Para a autora, há traços totalmente notáveis na fala de falantes bilíngües jovens e adultos, quando direcionados de um para outro falante, tanto em relação aos traços de interferências, como de empréstimos, misturas de línguas (os traços são mais notáveis em crianças) e alternância de códigos.

Os estudos sobre a alternância de código são fenômenos de uso de língua bastante evidentes em falantes que vivem em comunidades pluriétnicas. Atualmente, os estudiosos de línguas em contato têm dado ênfase aos estudos de alternância de código, que vem a ser o uso de dois sistemas gramaticais de línguas lado a lado, ou subsistemas gramaticais a um mesmo ato de fala de falantes bilíngües. Porém, as regras gramaticais desses dois sistemas não podem ser prejudicadas. Portanto, a alternância é possível, tanto entre diferentes

variações ou registros de uma língua, como entre línguas diferentes (HOFFMANN, 1991, p. 110; MYERS-SCOTTON, 1993, p. 480; MILROY & MUYSKEN, 1995, p. 180). Por isso, o conceito de bilingüismo, nesta abordagem sobre línguas em contato, deve ser representado por plurilingüismo, como mostra o exemplo, em que aparece a língua normativa alemã, o português e o *Brasildeutsch*, em que a situação intra-sentencial de alternância de código, pode ocorrer no meio de frases, ou em partes de frases, exigindo uma maior competência lingüística do falante, como pode ser observado neste exemplo: “*Der Mann hat Bauenmaterial gekauft, aber er hat das net richtig kombiniert mit der cerâmica ...*” ‘O homem comprou material de construção, mas não combinou muito certo com a cerâmica...’ (OP em ER-G, BORSTEL, 1999).

As pesquisas sobre alternância de código têm abordado, tanto as questões restritas à lingüística, assim como, a função que tem no discurso. Os pesquisadores, acima citados, têm tentado determinar a possibilidade de predizer em que ponto pode ocorrer a alternância de código, de que maneira acontece a troca que condiciona o processo de alternância lingüística conversacional e como os falantes negociam esta interação. Os resultados destas pesquisas têm demonstrado que, tanto os fatores externos ou sociais, como os internos ou lingüísticos, afetam, de uma ou de outra forma, as ocorrências de alternância de código (BORSTEL, 1999). Os fatores externos podem ser identificados em uma comunidade lingüística: no falante, no tópico da conversação e na identificação étnica do indivíduo (HEYE, 1979). Geralmente, há variações de indivíduo para indivíduo com relação ao uso da alternância de código, tanto nos aspectos externos como internos. Os fatores lingüísticos que motivam a alternância de código não são tão fáceis de identificar, visto que a alternância de código pode ser motivada por questões sócio-pragmáticas.

Borstel (1992, 1999), mostrou diferenças na análise e na interpretação de modelos e padrões de alternância de código utilizados, pois os falantes apresentavam domínio de mais de uma língua, como pode ser observado nestas situações lingüísticas que correlaciona a competência bilíngüe do falante: “*Der Mann hat das casa e a colônia verkauft*” ‘O homem vendeu a casa e a colônia’ (OP em MCR, Borstel, 1999); “*Ich wohnen agora in Rondão*, antes morava em **Pão Schartim**” ‘Eu moro agora em Rondon, antes morava em Bom Jardim’ (OP em MCR, BORSTEL, 1992).

A partir destes exemplos de fala, nos estudos de Borstel (1999), pôde-se constatar que não houve rompimento da cadeia de regência nos grupos frasais e, ou verbais que determinam o sistema da língua base na comunidade. O *Brasildeutsch* e o alemão padrão são, basicamente, idênticos no nível de suas estruturas na forma lógica, isto é, as regras de estrutura sintagmática são as mesmas, mas as regras transformacionais e fonológicas alteram as frases, dando origem a diferenças na forma fonética.

Os dados das interações comunicativas indicam que na comunidade de fala de Marechal Cândido Rondon, muitos dos participantes tiveram uma formação letrada sobre a língua alemã normativa, mesmo tendo uma cultura de origem rural. Porém, isso não ocorre na comunidade de Palotina, com o falar italiano, pois este grupo étnico não teve uma formação letrada. No início da colonização, como já foi citado, o aprendizado da língua italiana, no Brasil, foi espontâneo, através de uma tradição oral, perpetuada de geração a geração pela família. Foi, mais tarde, que surgiu a literatura impressa do italiano no Brasil. Observou-se a mistura de língua e, ou interferência lexical da língua materna no português, nas interações comunicativas. Uma participante do sexo feminino, com 89 anos de idade, na pesquisa de Borstel e

Dotto (2002), disse: “ ... *Mio pai tinha la colônia, ele tinha uma lojinha, ma noi fiol trabalhava na lavora. Estudei um poco até o terceiro ano, noi precisava trabalá na colônia..*”. Outra participante do sexo feminino, de 51 anos, disse: “*Parlar talian? Nada. Parlar um poquetim talian com mio pai. A mesma situação de uso lingüístico ocorreu nas interações com os jovens palotinenses, como se pode ver nas falas dos participantes. Um falante do sexo masculino de oito anos de idade, disse: “... no sítio eu ajudo meu pai a tratar os animais e o meu cavalin manhar (cavallina: égua pequena manhosa)... come um bocado de capim...”*; Outro falante do mesmo sexo de oito anos, falou: “*Eu e meu bambino (irmão pequeno) gostamo de brincá com a facheta (faca pequena) ... a màmma chinga...*”. Já nas interações comunicativas com os homens pôde ser observada a alternância de código, como no caso do participante de sessenta e oito anos, agricultor, migrante de Severiano de Almeida, RS, com quatro anos de escolaridade, que disse: “*..Là in casa se parleia (parlâre:fala) tuti (tutto: tudo) in italiano, o brasileiro só na escola. Parlar brasiliam, le dizia la nõnna. Nós aqui em nõstra região qua (qui), quenede (como) tuti fosti (todos fossem) da Itália, né. E iora (agora) muitos vão passear na Itália, i vem di volta, i parlar...um tal di parlar... si parla una parola i altri não entende... una parola ma una cõsa elu (elucidâre: explicar), non. Le cõsa non dá nem pra acreditar, non....*”.

Nos estudos de Borstel, sobre o uso destes fenômenos de línguas em contato, quanto à variável gênero, a análise quantitativa indicou uma ligeira diferença entre o comportamento das mulheres nas duas comunidades de fala. Na comunidade de fala alemã, considerando os estudos de Borstel (1992, 1999) sobre a descrição e interpretação etnográfica, os homens, geralmente, freqüentam os contextos públicos usam menos a língua materna (o *Brasildeutsch*) e as

mulheres restringem sua vida, basicamente, aos afazeres domésticos, mostrando-se, assim, mais conservadoras em relação ao *Brasildeutsch*. Porém, na comunidade de fala italiana, ocorreu uma situação inversa, Borstel e Dotto (2002), analisaram o desempenho lingüístico do falar italiano: entender, falar, falar o italiano com muita mistura do português, ler e escrever, considerando o bilingüismo dos pais separadamente: primeiro o sexo masculino e depois o feminino. Pode-se observar que aproximadamente, há o mesmo índice para o desempenho lingüístico dos pais e das mães sobre o entender e falar italiano, porém nas habilidades de ler e escrever, apesar de serem bem reduzidas o sexo masculino tem um melhor desempenho lingüístico. Existe, também, um percentual significativo do sexo masculino em relação ao sexo feminino dos pais sobre o uso da alternância de código português/italiano, recaindo em um índice maior para o sexo feminino. Nas interações comunicativas os participantes do sexo masculino disseram que todos os sábados, na Linha Salete, encontravam-se com um grupo de amigos para jogar *boccia*, e, em suas interações comunicativas usavam somente o dialeto materno (o *talian*), justificando porque o sexo masculino tem um domínio melhor da língua materna nesta comunidade.

Os vários aspectos e fatores sócio-pragmáticos e históricos em situação de línguas em contato caracterizam as influências interlingüísticas de situações funcionais de uso de dois ou mais códigos lingüísticos distintos, utilizados nestas duas comunidades multilíngües. Caracterizando, muitas vezes, contato/conflito nas interações comunicativas com outros grupos fora de suas comunidades de fala.

Para Bakhtin (1998, p. 153), em dada situação de quase toda enunciação ocorre uma interação e um conflito entre sua palavra e a de outrem, processo este de delimitação ou

de esclarecimento dialógico mútuo, tanto na comunicação oral como na escrita.

4. A transferência da alternância lingüística oral para a escrita

As situações enunciativas, em um texto, se caracterizam pelos gêneros discursivos em uso na língua nos mais variados momentos de comunicação verbal (oral e escrita) pelo usuário. Bakhtin distingue-os em dois conjuntos: os gêneros primários e secundários. Os primários correspondem a um espectro diversificado da atividade lingüística humana quando esta é relacionada com os discursos da oralidade em seus mais variados níveis (do diálogo cotidiano ao discurso filosófico ou sócio-político). Os secundários (da literatura, da ciência da filosofia, da política), embora elaborados pela comunicação cultural mais complexa, principalmente escrita, correspondem a uma interface dos gêneros primários. Para Bakhtin (1986, *apud* Bakhtin, 2000, p. 239), “os gêneros primários, ao integrarem os gêneros secundários, transformam-se e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade dos enunciados alheios”.

Foi nessa situação de uso de língua e não de sistema de língua em estudos sócio/pragmáticos, que se observou que os gêneros primários adquiridos do falar cotidiano e familiar, ao se integrarem aos gêneros secundários (institucionalizados), transformam-se e adquirem uma característica particular, que vem a ser estigmatizada por outros grupos da sociedade.

Nas análises de Borstel (1992, 1999), sobre as misturas de línguas, traços de transferências lingüísticas e alternância

de códigos, o olhar estará atento à observação de um aspecto em especial: como se caracterizam estes traços de transferências lingüísticas orais, nas interlocuções utilizadas pelos usuários (falantes), em função das diferenças culturais e das línguas, não podendo ser confundidas com a *livre expressão*, mas sim de uma motivação social, cultural e étnica em comunidades de fala pluriétnicas. A alternância de código e, conseqüentemente a mistura de língua, transferências lexicais e gramaticais de falantes específicos de comunidades multilíngües e de base (ru)urbana usam determinados traços lingüísticos afim de atingir certos objetivos sociais, tais como solidariedade do grupo, semelhança de identidade ou para que sua identidade não seja ameaçada nas interlocuções pretendidas.

Com base nas concepções do bilingüismo situacional, Borstel (1999, p. 156-159), trata de fenômenos lingüísticos de uso de duas línguas, alemã/portuguesa, quando há uma forte alternância vocálica e consonantal no falar dos participantes das entrevistas, pois segundo Ruoff (1967, *apud* RUSS, 1990, p. 348) este fenômeno é, ainda, muito comum em cidades pequenas, na Alemanha. Nesta pesquisa, há falantes imigrantes e descendentes, vindo de Stuttgart, Suábia Central para Marechal Cândido Rondon.

Dessa forma, os traços bidialetais e as marcas caracterizadas nas produções escritas são a presença de fortes traços lingüísticos, associados à língua falada, ou seja, a transferência e, ou o princípio de saliência fônica nas produções escritas de alunos de vestibular, sobretudo, quando a língua falada em questão, não é socialmente prestigiada, não é atuante em nenhum contexto comunicativo, a não ser em determinadas comunidades de minorias étnicas e de base rural. Para Bortoni-Ricardo (1984, p. 10) “a variedade ‘rurbana’ conserva traços dos dialetos rurais, principalmente

no que concerne à simplificação do sistema flexional da língua portuguesa”. Mesmo que estes traços de transferências do oral para o escrito estejam presentes, não podem ser vistos como intrínsecos ao texto enquanto artefato lingüístico, isto é, como uma evidência possível de ser identificada por qualquer leitor, em qualquer situação, mas como um efeito que se verifica, ou não, na leitura, em função do conjunto das práticas de letramento em que se dá a interlocução mediada pela escrita.

No estudo indica a transferência da oralidade do falar situacional bilíngüe, no caso da troca do traço da oralidade materna para a escrita, caracterizando a emoção, o sentimento e a exaltação no texto escrito “[...] e ganhar de qualquer adversário com gara, e é claro sem muito esforço[...]. O Sistema Brasileiro de Televisão é uma rede brasileira que se destaca como a segunda melhor, mas para mim, uma grande burrada brasileira, o SBT se destaca em primeiro lugar, sempre[...]”. Conforme dados levantados, em um autor de redação de vestibular, este é descendente de italianos, residente na cidade de Palotina, Paraná, em cujo texto ocorre a troca da consoante vibrante múltipla pela vibrante simples. Na produção escrita, verificou-se a variação de gênero, bem como a variação de traços dialetais sócio-pragmáticos produzidos pelo autor. Este enunciado foi adquirido mediante enunciados concretos que ouviu e reproduziu durante a interação comunicativa com as pessoas que o rodeiam.

Segundo Bakhtin (2000, p. 301-302), “as formas da língua e as formas típicas de enunciados, isto é, os gêneros do discurso, introduzem-se em nossa experiência e em nossa consciência conjuntamente e sem que sua estreita correlação seja rompida”.

É possível observar o uso dos mesmos traços de transferência fônica em outro texto escrito para o vestibular,

por um descendente de alemães, residente no município de Quatro Pontes, PR, “*As manchetes de jornais, rádio, televisão deste os anos setenta dizem duto. A condenação do meio ambiente, dos rios, mares. Com isso os prejudicados é a população, como também, com os castos públicos. Empora classificação das águas hoje é preocupante. Como nos grandes centros rios poluídos de lixos hospitalares e com esgodo nos rios e no mar. Empora [...] as companhias têm um custo bem elevado com as impurezas e com o desperdício da água nas grandes cidades, os castos do governo público são bastante elevados. Por isso somos obricados a pagar o que bebemos [...]*”. No texto deste usuário, há fortes traços de alternância fonológica na produção escrita da consoante fricativa alveolar vozeada pela desvozeada [z] > [s]: (televisão por **televisão**); da consoante oclusiva alveolar vozeada pela desvozeada [d] > [t]: (desde por **deste**; tudo por **duto**) ou vice-versa [t] > [d]: (contaminação por **condaminação**; esgoto por **esgodo**); da consoante oclusiva bilabial vozeada para desvozeada [b] > [p]: (embora por **empora**); da consoante oclusiva velar vozeada para a desvozeada [g] > [k]: (gastos por **castos**; obrigados por **obricados**).

Nestes casos de variação lingüística, nas condições de uso situacional de emprego das unidades distintivas na fonética/fonologia, acontece um processo de transferência do *Brasildeutsch* e do *talian* na escrita destes usuários nesta região. Houve a forma de influência interlingüística da língua materna e (ru)urbana realizada através de suas enunciações lingüísticas orais nas produções escritas institucionalizadas. Assim, cabe aqui refletir sobre o papel da escola nos processos de letramento e práticas sociais de comunidades multilíngües na construção dos gêneros secundários.

Considerações Finais

O que pode ser observado nas interações comunicativas orais e nos textos escritos institucionalizados de comunidades de línguas em contato, é a ocorrência de fortes marcas de transferências lingüísticas orais no que diz respeito aos fatores do cotidiano, internalizado no processo cognitivo e sociopsicológico dos autores nos gêneros secundários. Tratando disso, Pêcheux (1988) ressalta a importância da formação discursiva na constituição do sujeito. Não diferente é o processo que “molda” o falar, principalmente dos descendentes de alemães e italianos. Existe um processo de hibridismo nas interações comunicativas e na linguagem escrita institucional nesta região, o que não deixa de ser resultado de um processo constitutivo da própria comunidade de fala, que faz com que este mantenha, diante da transferência de uso situacional de dois códigos lingüísticos, uma relação de parceria. Enquanto a fomenta, esta, por sua vez, surge como um fator de identidade do próprio falante. Seu assujeitamento também o torna sujeito de seu meio societal.

Lidar com a heterogeneidade lingüística cabe principalmente ao professor, a atividade de trabalhar com os traços fônicos da língua materna de minorias étnicas no Brasil e a variação de base rural na prática de ensino aprendizagem de língua em sala de aula.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M.(Voloshinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. (Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira). 4ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1988.

_____. *Questões de literatura e de estética – (A teoria do romance)*. (Trad. Aurora F. Bernadini et.al.). 4ª ed. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

_____. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. (Trad. Maria E. Galvão e revisão por Marina Appenzeller) 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 275-326.

BHABHA, H. K. *O local da cultura*. (Trad. Myriam Ávila et al.). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

BORSTEL, C.N. von. *Aspectos do bilingüismo: alemão/português em Marechal Cândido Rondon, Paraná, Brasil*. Florianópolis: UFSC, 1992. (Dissertação de Mestrado).

_____. *Contato lingüístico e variação em duas comunidades bilíngües do Paraná*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999. (Tese de Doutorado).

BORSTEL, C. N. von. e DOTTO, V. L. A. Variação lingüística em línguas em contato. In: *Relatório de projeto de pesquisa da Unioeste/ Campus de Mar. Cândido Rondon*. Cascavel, PR: Digitado - Unioeste/ PRPPG, 2002.

BORTONI-RICARDO, S. M. Problemas de comunicação interdialetoal. *Revista Tempo Brasileiro*, 78/79, Rio de Janeiro, jul./dez. 1984, p. 9-32.

CERTEAU, M. de Etal. *A invenção do cotidiano 2. morar, cozinhar*. (Trad. De Ephraim F. Alves e Lúcia E. Ortht). 3ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.

COSTA, R. Valores da imigração italiana cem anos após. In: *Anais do I e do II fórum de estudos ítalo-brasileiros*. Instituto superior brasileiro-italiano de estudos e pesquisa. Imigração italiana. Estudos. Porto Alegre: Universidade de Caxias do Sul, 1979, p. 199-207.

HEYE, J. Sociolingüística. In: PAIS, C. T. & RECTOR, M. *Manual de lingüística*. 1. ed. Petrópolis, Vozes, 1979. (2.ed.Global, 1986).

HOFFMANN, C. *An introduction to bilingualism*. England: Longman, 1991.

MACKEY, W.F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, J. A. (ed) *Readings in the sociology of language*. Haia: Mouton, 1968, p. 554-584.

- MANFROI, O. Imigração alemã e italiana: estudo comparativo. In: *Anais do I e do II fórum de estudos ítalo-brasileiros*. Instituto superior brasileiro-italiano de estudos e pesquisa. Imigração italiana. Estudos. Porto Alegre: Universidade de Caxias do Sul, 1979, p. 185-197.
- MARTINET, A. *Função e dinâmica das línguas*. Coimbra: Almedina, 1995.
- MILROY, L. & MUYSKEN, P. *One speaker, two languages: Cross-disciplinary perspectives on code-switching*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- MYERS-SCOTTON, C. Common and uncommon ground: social and structural factors in codeswitching. *Language in Society*, v.22, 1993, p. 475-503.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. (Trad. Eni P. Orlandi, et. al.) Campinas, SP: Ed. UNICAMP, 1988.
- QUEIRÓS, I. L. von Borstel G. de. *A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon, Paraná: um estudo sobre o significado do lazer entre descendentes de alemães*. Campinas, SP: UNICAMP, 1999. (Dissertação de Mestrado).
- RUSS, C. Swabian. In: *The dialects of modern german: a linguistic survey*. London: Routledge, 1990, p. 337-63.
- WEINREICH, U. *Languages in Contact*. New York : Linguistic Circle & The Hague, 1953.